

EDITORIAL

A Revista INTERthesis abre este primeiro número de 2011 com um ensaio do reconhecido intelectual argentino Ricardo Forster, intitulado **La artesanía de la sospecha: el ensayo como tradición crítica** (*O artesanato da suspeita: o ensaio como tradição crítica*). O texto, apresentado na sua língua original, pretende ser uma defesa da importância do ensaio, em tempos nos quais, na vida acadêmica, predomina o pragmatismo da produtividade funcional e da eficiência, expresso, através de um inglês comercial, sobretudo pelo *paper*. Lembrando tanto Montaigne quanto Steiner, passando por Adorno, o ensaio é o gênero da modernidade, tornando-se, sobretudo num tempo de crise das grandes narrativas, o modo de captar o eterno naquilo que vivemos e percebemos como destinado a perecer. Dessa maneira, como manifestação das extraordinárias inquietudes e de solidões do ser humano contemporâneo, e como artesanato da suspeita, o ensaio não é uma vitória do amadorismo na vida acadêmica, mas sim o caminho com que se revelarão os limites de toda pretensão universalista e do produtivismo acadêmico hoje imperante. O ensaio pode ser também uma forma de superarmos os limites de abordagens disciplinares.

Na seção dos artigos, temos dez textos que, no contexto das ciências humanas e da filosofia, têm, mais ou menos, uma abordagem interdisciplinar.

O primeiro artigo, de autoria do argentino Fabián Javier Ludueña Romandini e do brasileiro João Barros II, é **Paroikias cristãs e a negação da polis: biopolítica e pastorado cristão**, busca compreender o ponto final da argumentação de Foucault acerca do cuidado de si, demonstrando que a *epimeleia ton allon* (cuidado do outro) está intimamente ligada à modalidade de governo das almas e dos corpos que é o poder pastoral, de origem judaico-cristão. Os autores procuram mostrar que a recusa de Foucault em aceitar uma autêntica *epimeleia heautou* (cuidado de si) cristã, resultou no inevitável vínculo desta com o nascimento da biopolítica moderna. Essa conclusão seria inevitável, para Foucault, ao unir em uma cadeia causal a *epimeleia ton allon* cristã, o governo pastoral e biopolítica moderna. Para afirmar isso, recorre-se aos argumentos de Agamben, expostos principalmente em sua obra *O Reino e a*

Glória, na qual ele trata do entrecruzamento de dois paradigmas: a teologia política e a economia política. O ponto final de argumentação é que a recusa do *oikos* como *locus* da prática da *epimeleia heautou* ocasionaria, de forma inevitável, a intensificação da *epimeleia ton allon* cristã através do paradigma da *oikonomia*, resultando daí que o Cristianismo não teria contribuído de outra forma para a prática do cuidado de si, a não ser intensificando e ressignificando práticas no sentido de operar uma verdadeira hermenêutica dos desejos, já que a partir de dita hermenêutica seria possível levar a cabo o governo total da vida dos indivíduos.

No segundo artigo, **Os sujeitos que nunca foram históricos – uma crítica do marxismo eurocêntrico**, João Aldeia e Elísio Estanque partem de uma crítica construtiva do marxismo, nomeadamente ao seu caráter eurocentrado, procurando desconstruir a noção do proletariado como sujeito histórico, considerando-a empiricamente inverificável. Acreditam os autores que apesar das suas limitações, o marxismo clássico continua a ser uma teoria imprescindível para apreender criticamente a contemporaneidade.

Como terceiro artigo, no contexto de um debate que tem aparecido com alguma frequência em nossa revista, o da existência ou não de uma natureza humana, temos o texto de Javier Vernal (disponibilizado também em versão espanhola): **Continuidades animais. Argumentos contra a dicotomia humano/animal não humano**. O autor procura mostrar que, por um lado, há bom número de características propostas como especificamente humanas que são compartilhadas ao menos por algumas espécies animais não humanas e que, por outro lado, existem características especificamente humanas. Contudo, não se pode concluir disso que devemos estabelecer supinamente uma separação entre animais humanos e não humanos.

A seguir, Alcides Jose Sanches Vergara e José Sterza Justo, em **Juventude, drogas e biopolítica**, abordam o tema da juventude e das drogas como uma questão vinculada à biopolítica e ao biopoder, conceitos consagrados por Foucault. A juventude, ontem irreverente, corajosa, saudável, idealista que queria mudar o mundo para melhor, hoje, está sendo fortemente associada à violência, aos perigos e riscos pessoais e sociais, à dependência de drogas, à criminalidade e a outras imagens negativas. Para lidar com esses jovens já não bastam a tolerância e os pequenos castigos de outrora. Os jovens emergem como um segmento da população objeto de ações e programas diversos.

Em se falando em saúde pública, no artigo intitulado **O princípio da integralidade no Sistema Único de Saúde (SUS) – utopia?**, Suelen Alves Rocha, Silvia Cristina Mangini Bocchi e Carmen Maria Casquel Monti Juliani discorrem sobre os diversos sentidos da integralidade. Tal integralidade, contraposta a qualquer tipo de reducionismo, pode ser alcançada, recorrendo-se aos suportes teóricos da complexidade e transdisciplinaridade.

No sexto artigo, **Família e trabalho na contemporaneidade: a percepção de trabalhadores domiciliares da indústria calçadista sobre a fusão do ambiente de trabalho ao ambiente doméstico**, as autoras Amanda Mendes Silva e Daniela de Figueiredo Ribeiro apresentam, em seus diferentes aspectos negativos e positivos, o resultado de pesquisa realizada com famílias de trabalhadores visando a compreender o universo familiar no qual o espaço doméstico se funde com o ambiente de trabalho, o que ocorre nas denominadas *banças de pesponto*, oficinas de trabalho que prestam serviços à indústria de calçados.

Inscrevendo-se no que costumamos denominar de “estudos de gênero”, temos os três próximos artigos. No primeiro, **Percepções acerca das relações de gênero e da divisão sexual do trabalho para pessoas com deficiência**, Lilian Barros Moreira, Fernanda Mitsue Soares Onuma, Mônica Carvalho Alves Cappelle, Flávia Luciana Naves Mafra e Maria de Lourdes Souza Oliveira, por meio de pesquisa qualitativa, a partir do estudo de caso de uma organização hospitalar, procuram compreender as percepções que Pessoas com Deficiências (PCDs) têm acerca das relações de gênero e da divisão sexual do trabalho, mostrando quanto os preconceitos, sob diversas formas, se fazem presentes nas organizações.

Na segunda contribuição, **Tecnologias de gênero, masculinidades e aprisionamentos na execução penal**, Cíntia Helena Santos e William Siqueira Peres relatam pesquisa realizada em instituições penais, utilizando-se da abordagem genealógica proposta por Foucault. Nela são destacados a articulação das relações de saber/poder na produção do crime e operacionalização da lei, a forma sutil com que as tecnologias de gênero naturalizam ações e reações nas relações, parcerias e lutas diárias entre funcionários e presos, e os processos de subjetivação. Os autores mostram que o entrelaçamento das forças e dos discursos tem engendrado o impacto das tecnologias de gênero, em especial das masculinidades, presentes nas relações entre funcionários e pessoas presas. O impacto destas relações coloca em tela as modulações da subjetividade em um

continuum de oscilações entre modos de subjetivação normatizadores e singularizadores.

No terceiro artigo dessa área de gênero, Gelson Vanderlei Weschenfelder e Ana Colling descrevem, sob o título **Histórias em quadrinhos de super-heroínas: do movimento feminista às questões de gênero**, as discussões que ocorreram nestes últimos cem anos refletidas nas páginas das histórias em quadrinhos de super-herói (conhecidos como *Comics*, e aqui no Brasil chamados de *Gibis*), dando ênfase à questão da diferença e do gênero. Certamente foram estas revistas que trouxeram por primeiro essa discussão para o campo da comunicação de massa. A mulher sempre teve seu papel nas histórias em quadrinhos de super-heróis: primeiramente como coadjuvante, sendo o objeto das maquinações dos vilões; posteriormente, com as marchas dos movimentos feministas e os movimentos pelos direitos humanos, ela vem a assumir um papel principal, como a super-heroína das histórias.

Finalizando o conjunto de artigos, Agostinho Paula Brito Cavalcanti, em **Sustentabilidade ambiental como perspectiva de desenvolvimento**, retomando a problemática da sustentabilidade ambiental, apresenta os conceitos de desenvolvimento e meio ambiente sob novas perspectivas, delineando vertentes inéditas e abrindo horizontes recentes de aplicação. Nesta perspectiva, resultados provariam que a sustentabilidade ambiental pressupõe a continuidade da vida que depende da capacidade de carga dos recursos naturais e que a base desses recursos deve ser utilizada de maneira responsável, a fim de que a produtividade possa ser mantida ao longo do tempo.

Este número traz por fim a seção de Resenhas com a apresentação de três livros: Diogo da Silva Roiz resenha o livro de Zygmunt Bauman, **Europa: uma aventura inacabada**; Heloisa Souza Ferreira traz a recente obra de Ana Flávia Magalhães Pinto, **Imprensa negra no Brasil do século XIX** e, por fim, Dora Fonseca resenha o livro de Giovanni Alves, **Trabalho e Subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório**.

Esperamos ter contribuído mais uma vez para o debate de vários temas e objetos de estudo, fazendo-o sempre de maneira supradisciplinar. Boa leitura!

Selvino J. Assmann e Silmara Cimbalista
Editores